

A CRÔNICA DE FERNANDO SABINO: ANOTAÇÕES INICIAIS

Talita Carlos Tristão¹
Mestranda em Letras – UNINCOR/FAPEMIG

Esta comunicação objetiva apresentar algumas reflexões iniciais sobre as crônicas de Fernando Sabino, importante cronista mineiro. Nascido em 12 de outubro de 1923, em Belo Horizonte; na adolescência ainda, Sabino escreveu seu primeiro trabalho literário – uma história policial – que foi publicada na revista *Argus*, da polícia mineira. Foi locutor de programa de rádio, redator do jornal *Folha de Minas* e colaborador do *Correio da manhã*. Ao longo de sua vida, escreveu e publicou crônicas, contos, novelas, romances, dicionário. Morou em Nova York e Londres e viajou várias vezes ao exterior, visitando países da América, da Europa e do Oriente. Dedicou-se, ainda, ao cinema realizando uma série de minidocumentários sobre Hollywood para a TV Globo, produziu curtas-metragens e dirigiu documentários sobre escritores brasileiros contemporâneos.²

Sabino foi um escritor de produção intensa. Em julho de 1999, recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis – considerado o maior prêmio literário do Brasil – pelo conjunto de sua obra.³ Estimado como um dos autores fundamentais para a afirmação da crônica no Brasil em sua época devido às suas contribuições ao gênero, Sabino se destaca por captar

simples flagrantes do cotidiano. Alguns de rara ternura, outros irresistivelmente engraçado, todos eles trazendo aquele toque mágico, que é a marca de seu autor, procurando sempre recolher da vida diária ‘algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida.’⁴

Podemos apontar muitas das características particulares do gênero nas crônicas de Fernando Sabino. Para isto, faremos uso dos trechos de algumas de suas crônicas compiladas na obra *As melhores crônicas de Fernando Sabino* (1986), na qual a orelha já nos orienta quanto a seu conteúdo e forma de suas crônicas:

[...] *crônica* quando em tom reflexivo, pode-se dizer que na verdade se trata de um gênero literário próprio, peculiar a Fernando Sabino: um relato curto de fatos colhidos da realidade, com tratamento de ficção, em linguagem nítida, sem os ornatos da retórica tradicional, mas de técnica apurada e respeito aos requisitos da clareza, concisão e simplicidade. São episódios, incidentes, reminiscências, reflexões, encontros e desencontros por ele vividos na sua “aventura do cotidiano”, apresentados com rica inventiva, como se o próprio leitor participasse – nisso residindo o seu maior fascínio. Sob a aparente

¹ E-mail: tataeronald@hotmail.com

² Todas estas informações podem ser encontradas em *O gato sou eu*, de Fernando Sabino, 1983.

³ Fonte: http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp, acesso em 11/nov./2011 as 23:21.

⁴ Citação constituinte da orelha da obra *A companheira de viagem*, de Fernando Sabino, 1977.

singeleza, transparecem a sensibilidade, o humor, a ironia, às vezes o espírito satírico – mas sobretudo a solidária simpatia com que o autor surpreende o que há de belo, delicado ou hilariante na natureza humana. (*apud* SABINO, 1986, s/p).

Principiaremos, assim, nossas análises e apontamentos por um trecho de “A última crônica”, que providencialmente encerra a obra citada acima:

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim, um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porem, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los.

(...)

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai mune de uma caixa de fósforos e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa, além de mim.

(...)

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso. (SABINO, 1986, p. 206-208).

O relato acontece a partir de um botequim, onde o narrador observa à sua volta os fatos corriqueiros destacando um em especial – que aparentemente não guarda nenhuma particularidade: a chegada de uma pequena e modesta família negra – pai, mãe e filha – que se assentam numa mesa ao fundo para comemorar o aniversário da menina.

O pai conta discretamente o dinheiro retirado do bolso e pede ao garçom uma fatia de bolo do balcão. O narrador passa a observar essa família e a partir dos posicionamentos e atitudes de cada personagem – que parecem obedecer a um “discreto ritual” – constrói sua “última crônica” fazendo uso de uma linguagem simples e breve, que conduz o leitor à visualização da cena descrita.

Num primeiro momento, notamos a presença de um narrador-autor que está passeando e adiando o momento da escrita, pois gostaria de terminar o ano com uma crônica especial, mas não se sente inspirado. Este trecho inicial nos possibilita perceber um diálogo com o leitor, onde o narrador-autor justifica sua pretensão e objetivo: “Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”; “Visava ao circunstancial, ao episódico”. O trecho inicial se constrói, portanto, a partir da metalinguagem: “Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial”; “Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica”. Esta última proposição nos remete à ideia do circunstancial, do efêmero, do corriqueiro. Aqui, Sabino esboça seu próprio conceito de crônica, uma vez que, para ele, são vários os assuntos que mereceriam ser crônicas: “quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico”, qualquer episódio que desperte a atenção e possibilite ao narrador construir seu próprio relato. Pois uma crônica nada mais é do que uma construção de elementos ficcionais a partir de acontecimentos reais.

Em “A última crônica”, há um elemento intertextual importante que já é anunciado no próprio título do texto de Sabino. Os trechos “enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: ‘assim eu queria o meu último poema’” e “Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.” fazem uma clara alusão ao poema “O último poema” de Manuel Bandeira:

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais lípidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação. (BANDEIRA,
2006, p. 35).

Em seu poema, Bandeira relaciona fatos simples e comuns da vida cotidiana (aparentemente não notados), assim como Sabino em sua crônica que consegue captar um momento tão importante para a família reunida no botequim através de uma forma simples. Ambos abordam questões humanas e universais com uma singeleza muito particular fazendo com que o leitor se sinta tocado e se identifique com o episódio narrado. O processo de intertextualidade entre Sabino e Bandeira se reporta, assim, à tematização do banal, do cotidiano entendido, por ambos, de maneira poética.

Em outra crônica, “O retrato”, vemos de maneira ainda mais direta a conversa armada pelo narrador com seu possível leitor:

A esta altura paro, e o leitor comigo, para me perguntar: a que vem esta conversa? Estamos habituados, um escrevendo e outro lendo, a casos pitorescos ou triviais colhidos da vida cotidiana. Onde está o caso de hoje, a propósito ou não de velhas fotografias? (SABINO, 1986, p.8).

As indagações tão diretas e objetivas apontam que o leitor, mergulhado no contexto da crônica, compreende a postura do narrador, perguntando-se ele também “a que vem esta conversa”? Ou seja, através desta indagação o narrador abre espaço para que o leitor interaja com o texto, participe da crônica ativamente, pois o nomeia e identifica: “A esta altura paro, e o leitor comigo”. A indagação promove, ainda, outra, bem mais interessante, já que se reporta ao entendimento que o leitor tem do que seja, de fato, uma crônica: “Onde está o caso de hoje?”. Para o leitor, a crônica está associada a um acontecimento, ao relato de uma história retirada do cotidiano: “Estamos habituados, um escrevendo e outro lendo, a casos pitorescos ou triviais colhidos da vida cotidiana”. Mais uma vez temos a inserção da metalinguagem, que se mostra como elemento constitutivo da crônica de Sabino. A ideia de crônica como relato de um caso está bem expressa em “A última crônica”, na qual há uma composição narrativa nítida: composição do espaço (botequim) e do tempo (final de ano); apresentação dos personagens; focalização particular nas reações da menina diante da fatia de bolo; etc.

Vejamos outra crônica, “Escritório”:

Fica sendo então *escritório*, tão-somente. Nem mesmo de literatura: apenas um local onde possa acender diariamente o forno (no sentido figurado, apressa-me a tranquilizar o condomínio) desta padaria literária de cujo produto cotidiano, fresco ou requentado, vou vivendo (...) Levo para meu novo covil uma mesa, uma cadeira, a máquina de escrever – e me instalo, à espera de meus costumeiros clientes.

Estranhos clientes estes, que entram pela janela, pelas paredes, pelo teto, trazidos pelas vozes de antigamente, vindos de uma página de jornal, ou num simples ruído familiar: projeção de mim mesmo, ecos de pensamento, fantasmas que se movem apenas na lembrança, figuras feitas de ar e imaginação. (SABINO, 1986, p.69).

Neste trecho, mais uma vez, percebemos a presença do narrador-autor que aparenta conversar com o leitor através de uma linguagem despreziosa, construída, entretanto, por meio do processo metafórico: “acender diariamente o forno (...) desta padaria literária de cujo produto cotidiano, fresco ou requentado, vou vivendo”. O narrador compara seu processo criativo a uma produção em massa, rotulando um aspecto específico da crônica: a obrigatoriedade diária da escrita. O segundo parágrafo do trecho nos permite identificar a descrição dos personagens e fatos que constituem a crônica - ainda por meio do processo metafórico: “Estranhos clientes estes, que entram pela janela, pelas paredes, pelo teto, trazidos pelas vozes de antigamente, vindos de uma página de jornal, ou num simples ruído familiar”.

A partir da leitura destes três textos, podemos destacar algumas características fundamentais da crônica de Sabino, a saber: utilização de um narrador que assume o ato

da escrita e que dialoga com seu leitor; destreza na captura do cotidiano e do circunstancial com singeleza poética; construções narrativas metafóricas, metalinguísticas e intertextuais; ficcionalização textual. Como afirma o próprio Sabino, tudo o que retrata e reflete em suas crônicas é o fato de “apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira — 50 poemas escolhidos pelo autor*. Ed. Cosac Naify – São Paulo, 2006, pág. 35.

http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp, acesso em 11/nov./2011 às 23:21.

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

SABINO, Fernando. *As melhores crônicas de Fernando Sabino*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1986, pág. 206.

SABINO, Fernando. *O gato sou eu*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1983. p. 201-203.